

**Relações Fronteiriças:  
Chiriguano e o sistema colonial espanhol no final do século XVIII.**

ROSELINE MEZACASA<sup>1</sup>

**INTRODUÇÃO**

A expansão colonial ibérica, desde sua chegada à América, deslocou-se gradativamente aos confins do território do Novo Mundo. Em algumas regiões, essa ocupação deu-se de forma mais intensa. Um exemplo disso foi o que aconteceu com os grupos indígenas que faziam parte do Império Inca, que rapidamente foram colocados sob o julgo dos espanhóis. Não queremos aqui, negar a existência de conflitos, mas, como bem colocou Nathan Wachtel (2008, p.227) evidenciar os contrastes entre os índios dos “Impérios” e os índios “situados nas periferias desses estados.” Essas diferenças foram percebidas, pois, na América Central e Andina, “[...] os invasores entraram em contato com uma grande e densa população controlada por instituições centralizadas [...] fracassou quando se defrontou com índios na maioria nômades [...] devido a sua mobilidade, escapavam a qualquer controle” (NATHAN WACHTEL, 2008, p.227), assim, deram ao sistema colonial<sup>2</sup> intensos conflitos e guerras.

Ao que tudo indica a ocupação dos territórios de grupos que já faziam parte de um sistema organizado de pagamentos de tributos, submissão aos representantes do império, era menos oneroso para as coroas ibéricas. Já, para “controlar” os territórios das etnias nômades, que viviam em pequenos grupos espalhados pelo território, e não possuíam uma organização interdependente constante, tornou-se mais oneroso e demorado para os agentes coloniais.

O grupo indígena Chiriguano, habitante das terras fronteiriças entre o Chaco e a Cordilheira dos Andes, se constituiu ao longo dos três séculos do contato enquanto “resistentes” a uma possível dominação espanhola-criolla. Esse grupo formou-se a partir das migrações de grupos Guarani das regiões do Brasil e do Paraguai, para as

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós Graduação em História, área de concentração História Indígena, da Universidade Federal da Grande Dourados – UFGD.

<sup>2</sup> Aqui, entendemos sistema colonial enquanto as estruturas implantadas pela Coroa Espanhola, para a ocupação do espaço do Novo Mundo, a partir de algumas instituições, tais como: povoamento, missões religiosas, fazendas, sistema administrativo.

zonas de transição entre o Chaco e os Andes, Pie de Monte y subandina<sup>3</sup>, estando ao sul de Santa Cruz de la Sierra, na atual Bolívia. O pesquisador Pifarré (1989, p.25), relata que já no século XV existia entre os Guarani “un puente de comunicación entre Paraguay-Brasil y la Cordillera, como consta por documentos españoles.”

Os diferentes grupos encontrados nas terras do Novo Mundo fez surgir diferentes maneiras de caracterizá-los, dividindo-os em categorias de aproximação e distanciamento com o modo de ser europeu. O jesuíta José de Acosta foi um dos expoentes nessas categorizações. Assim, escreveu:

[...] Primeramente, en el tiempo antiguo en el Perú no había reino, ni señor a quien todos obedeciesen; mas eran behetrías y comunidades, como lo es hoy día el reino de Chile, y ha sido cuasi todo lo que han conquistado españoles en aquellas Indias Occidentales, excepto el reino de Méjico; para lo cual es de saber que se han hallado tres géneros de gobierno y vida en los indios. El primero y principal y mejor ha sido de reino o monarquía, como fué el de los Ingas y el de Motezuma, aunque éstos eran en mucha parte tiránicos. El segundo es de behetrías o comunidades, donde se gobierna por consejo de muchos, y son como concejos. [...] El tercer género de gobierno es totalmente bárbaro, y son indios sin ley, ni rey, ni asiento, sino que andan a manadas como fieras y salvajes. Cuanto yo he podido comprender, los primeros moradores de estas Indias fueron de este género, como lo son hoy día gran parte de los Brasiles y los Chiriguanás [...] (ACOSTA, .XX)

Os Chiriguano, dentro da categorização de Acosta, entram no terceiro agrupamento, sendo também, o pior grupo. A região ao leste da Cordilheira<sup>4</sup>, sentido ao Chaco boliviano, ocupada pelos índios Chiriguano foi uma das regiões indígenas que perdurou resistindo durante todo o período colonial, o que caracterizou uma ocupação espanhola-criolla mais gradativa, que só se efetivou no final do século XIX. A relutância dos indígenas em fazerem parte do sistema colonial, foi vista pelos agentes do governo e religiosos como indícios de selvageria, barbarismo, sendo os índios, dessa categoria

---

<sup>3</sup>De acordo com Pifarré, “se iniciaba a unos 80Kms, por el norte del Guapay y se prolongaba hasta unos 50 Kms, al sur del río Bermejo. Al este ocupaba 15 ó 20 Kms. En dirección a los llanos y, por el oeste subandino, podía alcanzar algo má de 100 Kms. En dirección a Tomina, Potosí y Tarija”.(PIFARRÉ, 1989, p.37)

<sup>4</sup>De acordo com Pifarré, “se iniciaba a unos 80Km, por el norte del Guapay y se prolongaba hasta unos 50 Kms, al sur del río Bermejo. Al este ocupaba 15 ó 20 Kms. En dirección a los llanos y, por el oeste subandino, podía alcanzar algo má de 100 Kms. En dirección a Tomina, Potosí y Tarija.” (PIFARRÉ, 1989, p.37)

como colocou Lozano, sem lei, rei, fé. Ao que tudo indica os coloniais frente aos grupos indígenas que resistiam à submissão, teriam criado imaginários e representações negativos desses grupos, como se evidencia na etnohistória Chiriguana.

## **1) FRONTEIRA NO SÉCULO XVIII**

É neste contexto que esta região Chiriguana foi se constituindo enquanto fronteira para a expansão colonial, durante três séculos. Para pensarmos a questão de fronteira territorial e ao mesmo tempo cultural, utilizaremos o conceito utilizado por Boccara (2005), que proporciona uma observação da fronteira como um espaço dinâmico, espaço este, que não deve ser concebido “[...] como un espacio marcando un limite real entre ‘civilización’ y ‘barbarie’, sino como un territorio imaginado, inestable y permeable de circulación, compromiso y lucha de distintas indoles entre individuos y grupos de distintos orígenes.” (BOCCARA, 2001, p.2).

Nessa perspectiva, compreendemos as fronteiras entre espanhóis-criollos e indígenas Chiriguano, enquanto locais de trânsito, de relações interculturais em todo o período colonial, que ao mesmo tempo em que culminaram nas relações amistosas, também, desencadearam conflitos guerreiros entre os “diferentes”.

A “Cordilheira Chiriguana” por ter uma longa faixa de terra, apresenta dinâmicas internas que não podem ser esquecidas pelos pesquisadores. Durante o século XVIII a distribuição de grupos Chiriguano espalhados pela Cordilheira, perpassava por volta de 200 comunidades. (PIFARRÉ, 1989, p.138). Estando elas na sua grande maioria “repartidas o fraccionadas, a su vez, en pequeñas poblaciones, al modo de barrios, alrededor de alguna comunidad central o principal, de acuerdo a unidades de parentesco” (PIFARRÉ, 1989, p.138), o que nos possibilita perceber a clara organização social e territorial desse grupo étnico.

Pifarré nos apresenta uma divisão geográfica deste território indígena, na segunda metade do século XVIII, explicando as diferentes facetas deste frente à relação com o sistema colonial. Para ele, havia seis sub-regiões Chiriguana, sendo elas: Sector del Guapay o Rio Grande; Sector Cordillera Occidental; Sector Charagua-Parapeti; Sector Cordillera Central-Occidental; Sector Cordillera Central; Sector Pilcomayo-Sul. (1989). Nesse esquema, podemos encontrar algumas informações para

pensarmos os grupos Chiriguano, dispersos em um vasto território, relacionando-se de diferentes formas com os espanhóis-criollos.

Dentro desse esquema territorial Pifarré, apresenta algumas evidências, tais como a que mostra que os grupos da Cordilheira Central, mantiveram uma relação comercial com os agentes da colonização, mas, todavia, negaram contatos muito estreitos, que poderiam levá-los a uma submissão ao jogo colonial. Outras regiões como a de Guapay, ou a região do Pilcomayo Sul, acabaram tendo maiores relações com os espanhóis-criollos das regiões vizinhas, por estarem em uma espécie de borda da Cordilheira Chiriguana. Nas duas sub-regiões citadas a cima, situadas em uma região fronteira da “Cordilheira Chiriguana”, segundo Pifarré, temos registros do aparecimento de Homens Tumpã, no final da década de 1770.

De forma emblemática os grupos Chiriguano responderam ao jogo colonial, de forma estratégica e dinâmica, às vezes com ataques a povoações, saques a caravanas de comerciantes espanhóis que transitavam pela Cordilheira, assaltos as missões religiosas. Na etnoistória deste povo, o final do século XVIII, se apresenta enquanto um turbilhão de enfrentamentos contra a expansão colonial, que estava acontecendo em direção as suas terras.

### **1.1) O SISTEMA COLONIAL E SEU INTERESSE PELA CORDILHEIRA**

Ao que tudo indica o interesse da coroa espanhola, pelas terras Chiriguana, cresce na segunda metade do século XVIII. Mas, o que teria motivado essa expansão colonial com mais intensidade? Para Saignes (2007) no período colonial, aconteceram momentos de avanços e estabilidades nos territórios Chiriguano, dizendo que, “podemos oponer tres periodos de avance o estabilidad territorial favorables a los chiriguano (1530-1570; 1620-1760 y 1810-1850) a tres otros favorables al mundo andino/criollo, calcados sobre los grandes ciclos de la plata (1570-1620; 1760-1810 y el último, de 1850 a 1890, combinado con el ciclo del estaño)” (SAIGNES, 2007, p.36). O crescimento da população criolla e a necessidade de ocuparem novas faixas de terras, para “o abatecimineto de los centros mineros en cereales y carne bovina” (SAIGNES, 2007, p.36), sem duvida contribuíram para a expansão.

Nos séculos anteriores ao XVIII, segundo Saignes, existia um cuidado da coroa espanhola:

[...] que se esforzaba durante el siglo XVII por restringir nuevos asentamientos ganaderos o expediciones comerciales que podrían provocar fuertes represalias indígenas. Por otra parte, la coyuntura demográfica y económica cambia en Charcas a partir de la segunda mitad del siglo XVIII y no deja de ejercer efectos sobre la frontera [...] (SAIGNES, 2007, p. 129)

Com a dinâmica proveniente do sistema colonial ao longo dos anos, criou-se um contingente significativo de não índios, fazendo com que a fronteira Chiriguana tornasse cada vez mais ocupada, repercutindo significativamente sobre o cotidiano dos indígenas.

O discurso abaixo, escrito pelo governador-intendente de Potosi D. Juan Del Pino Manrique, que deveria percorrer uma vez ao ano seu departamento, de Chichas e a vila de Tarija, para em seguida escrever ao ministro, neste caso ao Ministro Galvez, descrevendo como estava à região. Essa política do governo colonial visava melhorias para o fomento da agricultura, indústria, comércio. No documento escrito coloca:

[...] voy á esponer sucintamente la naturaleza de los indios que ocupan aquel país, su conquista, la calidad de su feraz terreno, las causas de su actual pobreza, las desórden y mal éxito de las expediciones que se han hecho para ahuyentar los indios fronterizos, y los medios que considero oportunos para que, sin sangre ni gravámen de la real hacienda, se conquisten, ocupen y pueblen los países colindantes, y se restituya el de Tarija á la abundancia que le señaló la naturaleza, y le ha defraudado un método de gobierno nada consonante al que necesita. (PINO MANRIQUE, p.5)

Esse documento é interessante, nesta discussão sobre o interesse colonial pelas terras povoadas pelos Chiriguano, pois, fornece um discurso do qual podemos perceber, pela visão de um representante do governo, a necessidade e perspectiva de um desenvolvimento para a região, além da precisão da conquista dos indígenas fronteiriços, entre eles os Chiriguano.

O documento também, nos chama atenção para uma situação de quase abandono desses espaços pelas autoridades. Pino Manrique coloca que “[...] y, para

decirlo de una vez, siendo aquel país falto de minas, aunque rico de población y agricultura, nadie ha creído que pudiera ser útil, sino para el abandono en que le han dejado.” (PINO MANRIQUE, p.7) O intendente deixa claro que a região era rica em população e agricultura, fazendo uma crítica a situação de desamparo, frente ao grande interesse da coroa espanhola com outros locais de mineração. Sendo esta região rica em população e agricultura, conseqüentemente desdobra-se a dinâmica relacional com os índios da região.

## **2) PRESEÇA ESPANHOLA-CRIOLLA: CONTATOS E CONFLITOS**

### **2.1) Povoações:**

As povoações espanholas-criollas iam se instalando e desenvolvendo-se próximas aos grupos indígenas. Santa Cruz de la Sierra (1561), mas ao norte, Tarija (1574) mais ao sul, Tomina (1575), mas ao oeste, são exemplos da proximidade com o contato. Essas povoações foram criadas no primeiro século de aproximações, tornando-se cidades importantes para as relações fronteiriças com os indígenas. As estruturas dessas povoações, logo de início, “eran pequeños núcleos poblacionales, más semejantes a ‘haciendas-fortalezas’ que a pueblos propiamente dichos. [...] cumplieron un importante papel de conquista, en cuanto a ir ganando, palmo a palmo, el terreno de la frontera.” (PIFARRÉ, 1989, p. 65).

No caso de Tarija a proximidade ocasionou muitos conflitos. Constantemente existiram ataques indígenas a esse povoado. Retomando um documento, produtor de discursos sobre o período de instalação da Vila de Tarija, em 1574, já encontramos conflitos armados entre espanhóis e Chiriguano.

A criação da vila se deu em 1574, por ordem do senhor Dom Francisco de Toledo, Vice Rei de Lima, e de todo reino do Peru. Fundamental contextualizarmos esse espaço, que nas primeiras instalações coloniais já se apresentava conflituosa. A iniciativa de criar a vila de Tarija havia surgido após alguns ataques por parte desses índios, contra andantes que passavam pela Província de Chichas, que ligava Potosi, La Plata, as cidades de Tucumán, Buenos Aires. Para então acalmar a região Francisco Toledo, deu a Luis de Fuentes “el título de Poblador y el de Departador de Tierras [...] y le mandó que, llevando consigo 40 hombres de su satisfacción, bien armados [...] entrase a la tierra del enemigo, esto es, a las tierras de los bárbaros

Chiriguanos, donde poblase y fundase una villa [...]”. (MINGO DE LA CONCEPCION, p.59). Os Chiriguano não aceitaram pacificamente essa adentrada de suas terras, lutaram contra a instalação da vila, mas “conseguida la victoria por los Españoles y desterrados de los sitios comarcanos los bárbaros Chiriguanos, comenzaron nuestros Españoles [...]” (MINGO DE LA CONCEPCION, p.61)

Com uma instalação conflituosa de expulsão territorial dos indígenas, tornou-se esse local repleto de ataques durante todo o período colonial. No recorte cronológico aqui focado, final do século XVIII, inúmeros documentos mencionam expedições<sup>5</sup> organizadas pelas autoridades da Vila de Tarija contra os Chiriguano, que mesmo depois de dois séculos, continuavam a atacar a referida povoação.

Para Pifarré, “desde 1770 a 1800, los movimientos por defender la independencia de la Cordillera fueron constantes, de tal forma que se vivieron unos años de variadas e intensas guerras.” (1989, p.133) Assim, o que percebemos é que no final do século XVIII, intensificaram-se os conflitos com os espanhóis-criollos, mostrando que a presença intrusa do colonizador, estava sendo resistida.

Em meio às resistências ostensivas, que consistiam na organização de grupos guerreiros contra os espanhóis-criollos, existiram as relações mediadas de alianças de alguns grupos Chiriguano, mas, ao que tudo indica, baseando-se na bibliografia etnohistórica deste povo, essas alianças eram estrategicamente pensadas pelos sujeitos indígenas.

Essa característica estratégica fez com que fossem descritos nos discursos de seus contemporâneos enquanto inconstantes. O jesuíta Pedro Lozano, que escreveu por volta da segunda metade do século XVIII, descreveu os Chiriguano como “inconstantísimos, mudables a todo viento: oy parecen hombres, y mañana fieras: amigos de todos, si les esta bien; pera à la mas leve causa rompen la amistad mas estrecha, aun entre si mismos.” (LOZANO, p.59) Tomando esse trecho de Lozano, produtor de um discurso colonial/religioso percebemos de um ponto de vista etnohistórico, contrario ao ponto de vista do religioso, que os indígenas realizavam uma

---

<sup>5</sup> As expedições militares contra os indígenas eram nas palavras de Pino Manrique: [...] como las del antiguo gobierno feudal en Europa; yendo cada soldado á su costa por determinados dias, volviéndose cuando se le ha acabado la corta provision que sacó de su pobre casa; y, para explicarlo mejor, sin sistema, sin órden, sin disciplina ni subordinación. Llevados unicamente de la desgraciada y antigua mania de conquistas, se han paseado por los territorios de los indios [...]. (PINO MANRIQUE, p.8)

mediação relacional com o sistema e seus agentes, quando parecia conveniente relacionar-se, tornavam-se “amigos de todos”, todavia, a qualquer momento poderiam quebrar as boas relações com o Outro.

Mas, quais motivos poderíamos pensar que levavam os Chiriguano a quebra das relações tão constantemente, criando até imaginários deles enquanto inconstantes? Muitos motivos poderiam ser citados, mas talvez o mais possível de discussão, tendo em vista que o que ficou para a posteridade são fragmentos de um discurso do passado, estão pautados nas relações interculturais do período. Primeiramente, o contato com o não índio em muito produzia expectativas e interesses que com o passar do tempo não eram cumpridos, segundo, em muitos momentos, como veremos mais abaixo, os espanhóis, buscavam aliar-se a esses grupos, para com o tempo dominá-los, percebendo os indígenas este interesse, possíveis conflitos poderiam acontecer, como aconteceram.

Alguns autores escreveram que os locais onde instalavam-se missões religiosas próximas aos grupos Chiriguano, também levantavam o interesse dos colonos. Para Susnik (1968) os locais onde instalavam-se missões, “atraíam a los pobladores españoles, pues, los Chiriguanos ‘...poseían tierras muy pingues, y fértiles, no sin envidia de los Españoles, que no las pueden mirar sin enojo, de que las posean aquellos bárbaros’” (SUSNIK, 1968, p. 207). Como em outros lugares da América, nessa região não foi diferente, quando o governo percebia a ineficaz das guerras contra os índios, viam nas missões religiosas uma maneira, menos ostensiva, porém, de um fim positivo para seus interesses de evangelização e civilização a partir dos religiosos, e como colou a professora Graciela Chamorro, no livro *Terra Madura, yvy araguayje: Fundamento da Palavra Guarani* “[...] se a espada estava fracassando, a cruz poderia salvar a colônia [...]” (CHAMORRO, 2008, p.69). Não quero aqui exaurir as possibilidades de discussão sobre as missões religiosas e os Chiriguano, deixando para o próximo capítulo discussões mais pontuais, objetivando neste momento do trabalho, apenas pincelar a existência dinâmica entre missões, povoações e Chiriguano.

## **2.2) Fazendas: Estratégia colonial**

Outra dinâmica do território fronteiriço foi às fazendas de criação de gado, que na segunda metade do século XVIII, expandiram-se às terras Chiriguana. Os



gados entravam nas áreas de plantações dos indígenas, causando destruição na colheita, o que prejudicava a manutenção dos Chiriguano, em determinados grupos, tendo em vista, que esses indígenas mantinham também sua autonomia frente ao sistema colonial, por serem altamente agricultores e proverem seus alimentos. Susnik (1968), citando Martarelli, coloca que:

[...] la colonización blanca de la Cordillera con ‘vacas y vaqueros mestizos’ creaba una nueva situación; dice Martarelli: ‘...que la mayor parte de los terrenos ha caído en poder de los propietarios opulentos; y en lugar de colonizar la frontera con hombres, se ha colonizado con vacas...’” (SUSNIK, 1968, p.60)

Assim, assistimos as estratégias coloniais para a conquista do território indígena. Mas, por outro lado, esses acontecimentos culminavam em represarias organizadas pelos Chiriguano, tais como: assaltos as fazendas, assassinatos de espanhóis-criollos, aprisionamentos de cativos não índios. Mais uma vez citando Pino Manrique, em seu documento coloca:

Tan vanos son de su antiguo origen, que desprecian á los españoles como gente advenediza y pobre: valientes, frugales y sin apetecer mas conveniencia ni conocer otras necesidades que las de la pura naturaleza, [...] reputan cuando consiguen robar ganados e intimidar á los españoles: lo que han logrado en estos últimos tiempos, hasta el vergonzoso extremo de venir á las alturas inmediatas de la villa á provocar á sus vecinos [...] (PINO MANRIQUE, p.XXXX)

A presença dos rebanhos intensificava ainda mais as disputas, isso, pois, os Chiriguano, tinham o hábito de apropriarem-se de cabeças de gados dos espanhóis-criollos. Provocar os vizinhos, assaltar povoações, atacar missões, dinâmicas encontradas por um grupo étnico, ou por uma parcialidade deste, para manter-se na sua liberdade tradicional, demonstrando sua insatisfação com os últimos acontecimentos de seus territórios.

### **2.3) Aprisionamento de cativos(as) não indígenas**

Os ataques feitos pelos indígenas, em muito acabavam, com o aprisionamento de cativos e cativas, provenientes do mundo ocidental. Documentos do século XVIII trazem inúmeras informações sobre o aprisionamento destes cativos e cativas nas comunidades Chiriguana. Isso acontecia quando das entradas dos índios a

povoações que se estabeleciam próximo. No *Diário de La expedición a las Salinas* (1785-1790), escrito pelo franciscano José Osa y Palácios, temos várias informações sobre essas relações.

Esse discurso/documento foi construído a partir da expedição feita à região das Salinas, que objetivava a assinatura de um tratado de paz entre espanhóis e índios, além do resgate de alguns cristãos que estavam cativos de alguns grupos Chiriguano. O grupo saiu de Tarija no dia 22 de outubro de 1787, com destino a Missão Nuestra Señora del Rosario de las Salinas, contava com alguns administradores espanhóis, religiosos.

Chegando o grupo a Missão, foi enviada notícias para que os capitães dos diversos povos Chiriguano fossem reunir-se com a expedição que havia saído de Tarija. Na referida reunião ficou acordado que todos os capitães presentes aceitariam os termos postos pelos espanhóis no tratado de paz, como também, entregariam os cativos. Os capitães retornariam para suas aldeias e voltariam em dez dias com os cristãos que estivessem em seus domínios.

Este foi o item do tratado que não foi cumprido como havia sido combinado, os “donos” dos cativos negaram-se a entregá-los. O povo Chiriguano de Bocapi, sobre esse posicionamento respondeu:

que las paces estaban buenas, y que se hallaba gustoso de que se hubiesen efectuado, pero que las cautivas no las había de entregar hasta pasada la cosecha, en cuyo tiempo nos las daría, si le llevaban muchas cosas por ellas, y se certificaría sobre la verdad de dichas paces; porque temía, el que sacados los cautivos, volviesen los españoles a hacer la guerra. (JOSÉ OSA Y PALÁCIOS, 2007, p. 102)

Os índios eram sujeitos construtivos de suas relações, como bem aparece no documento acima, negociavam com os espanhóis-criollos, criando assim, uma relação de troca a partir dos cativos.

Em outro momento do documento José de Osa y Palácios, relata as negociações feitas para sacar a cativa, Pascuala Segovia, de um grupo Chiriguano. A transação aconteceu no povo Guaypayu, com o capitão Guarera, “dono” da cativa. O capitão indígena pergunta aos espanhóis quais eram as coisas que haveriam de dar pelo resgate, os representantes da Vila de Tarija, responderam que dariam em troca, “un freno, unas espuelas, un hacha cuña, un cuchillo, unas tijeras, un sombrero, un tipoy y

doce sartas hualcas, que eran las cosas que habían prometido en los Tratado de Paz” (JOSÉ OSA Y PALÁCIOS, 2007, p. 105). O capitão não se satisfaz com os objetos oferecidos em troca da cativa, respondeu que os espanhóis queriam dar poucas coisas, sem valor, em troca de uma cativa que para o capitão, como para os espanhóis, tinha muito valor.

Frente à imposição do capitão indígena, o comandante espanhol Jose Barroso, ofereceu ao capitão Guarera outras tantas coisas, entre elas, uma mula e uma égua. É nítido nos relatos o protagonismo indígena nas relações com os não indígenas. Pifarré coloca que, “para ellas, eran más bien los españoles quienes debían tributar por su interés de adentrarse en la Cordillera (...)” (PIFARRÉ, 1989, p. 56), assim, faziam o jogo colonial, com as armas que possuíam.

### **3) IYAMBAE: Homens sem donos**

Aqui, chegamos a um principio Chiriguano, o “*Iyambae – Homem sem dono*” fundamental para construirmos reflexões acerca das territorialidades indígenas, resistências ostensivas, resistências amenas (Vainfas, 2005). Essa expressão é muito utilizada pelos pesquisadores para significar a relação de resistência que impuseram os Chiriguano aos espanhóis-criollos. Em muitos documentos encontramos os sujeitos indígenas, expressando suas revoltas e impressões iyambae. Susnik, cita a fala de um cacique Chiriguano, em que coloca: “una declaración chiriguana de sus derechos ‘ava’: el reconocimiento y la libertad de sus tierras, el principio de ‘hombres sin dueño’ o el derecho de su independencia, y la integridad de sus costumbres sin imposiciones de cambios.” (CORRADO apud SUSNIK, 1968, p. 2007). Temos então a maneira Chiriguana de relacionar-se com o Outro, manterem-se homens livres, em seus territórios livres das ocupações expansivas dos espanhóis-criollos.

A resistência Chiriguana que perpassou todo o período colonial, além de quase um século de república, ao que tudo indica culminou no final do século XIX, em 1892, com a famosa batalha de Kuruyuki. Essa batalha se caracteriza pelo fim de uma resistência ostensiva, que teve início em 1559. O que ocorreu, no dia 28 de janeiro de 1892, foi um massacre de grupos Chiriguano praticado pelo exército da República Boliviana. A partir da batalha de Kuruyuki vários estudiosos, em diferentes momentos

históricos (Nino;1912 – Moreno;1973 – Pifarré;1989), decretaram o aniquilamento deste povo e o fim desta etnia.

O que pretendo aqui, brevemente, é pensar o momento pós batalha de Kuruyuki, enquanto um período de mudanças no formato de resistir ao colonizador, para isso, utilizaremos as discussões da pesquisadora Isabelle Combès, que apresenta reflexões bem contundentes acerca desse assunto. A crítica que a autora dirige aos autores, que decretaram o fim deste grupo étnico, é que: “los chiriguanos existem hoy, y que lo hacen saber en voz alta”. A concepção de ocaso, de extermínio e ou de extinção étnica, estaria, segundo Combès, na relação quase dogmática entre a etnia Chiriguana e o conceito de iyambae, que como já foi dito significa “homem sem dono”, suposto ideal de vida para os Chiriguano. Na linha de análise dos autores que Combès pondera, os Chiriguano teriam preferido lutar até a morte, no lugar de se submeteram aos brancos e perderem sua autonomia. Para melhor entender essa discussão Isabelle Combès apresenta os argumentos dos autores que afirmam que “los chiriguanos murieron ‘antes que esclavos vivir’; desaparecieron ‘en tanto que chiriguanos’, en tanto que iyambae, para no ser esclavos”. (COMBÈS, 2005, p. 44)

Uma discussão longa perpassa a situação sócio-cultural deste povo após a batalha, mas, o que queremos evidenciar neste pequeno trecho de discussão, é que a resistência ostensiva, como era feita anteriormente, caiu por terra, mas, como coloca Combès, a batalha de Kuruyuki foi o fim de um tempo, no entanto em hipótese alguma o fim físico deste povo. (2005), e o sentido de Iyambae perdura até hoje nas organizações indígenas que esses povos fazem parte atualmente na Bolívia.

## **COSIDERAÇÕES FINAIS**

Falar das relações interculturais no período colonial não é tarefa fácil para os pesquisadores, mas, ao que tudo indica, torna-se fecundo, pois, possibilita pensarmos as relações cotidianas entre espanhóis-criollos, indígenas, religiosos, em um processo de mediação cultural. Pensar os períodos coloniais, excluindo esses processos é retirar o protagonismo dos agentes históricos envolvidos, não só indígena, mas também, espanhol-criollo.

Nessas relações interculturais fronteiriças, temos nesse artigo, como plano de fundo o povo indígena Chiriguano, que pela mediação cultural soube lidar estrategicamente de diferentes formas, em diferentes momentos históricos para manter-se enquanto homens livres, neste vasto território, chamado pelos coloniais de Cordilheira Chiriguana.

## REFERÊNCIAS

WACHTEL, Nathan, Os índios e a conquista espanhola. In: BETHELL, Leslie. (Org.) **História da América Latina: América Latina Colonial**. v. 1, São Paulo; Brasília: 2008, 2.ed. 2.reimpr.

BOCCARA, Guillaume. **Mundos nuevos en las fronteras del Nuevo Mundo**. In: Nuevo Mundo Mundos Nuevos, 2005. Disponível em: <URL : <http://nuevomundo.revues.org/426>> Acesso em: 02 fev. 2011.

PIFARRÉ, Francisco. **Historia de un pueblo**. La Paz: Ed. CIPCA, 1989.

SAIGNES, Thierry. **Historia del pueblo chiriguano**. La Paz: Plural, 2007.

SUSNIK, Branislava. **Chiriguanos I. Dimensiones etnosociales**. Asunción: Museo etnográfico Andrés Barbero, 1968.

CHAMORRO, Graciela. **Terra Madura, yvy araguyje**: fundamento da palavra Guarani. Dourados, MS: Ed. UFGD, 2008.

VAINFAS, Ronaldo. **A heresia dos índios**: Catolicismo e rebeldia no Brasil colonial. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução**: missionários, Tupi e “Tapuia” no Brasil colonial. Bauru, SP: EDUSC, 2003.

MONTEIRO, Paula. (org.) **Deus na Aldeia**: missionários, índios e mediação cultural. São Paulo: Globo, 2006.

## DOCUMENTOS COLONIAIS:

PINO MANRIQUE. Descripción de la Provincia y Ciudad de Tarija. In: **Colección de obras y documentos relativos a la historia antigua y moderna de las provincias del**

**rio de La Plata.** Ilustrados con notas y disertaciones por Pedro de Angeles. Primera edición, Buenos Aires, Imprenta del Estado. 1836.

MINGO DE LA CONCEPCION. **Historia de las misiones franciscanas de Tarija entre Chiriguanos.** Tomo I. Tarija, BO: 1996.

LOZANO, Pedro. 1733. **Descripción chorográfica del terreno, río, árboles, y animales de las dilatadísimas Provincias del Gran Chaco, Gualamba ...** En Córdoba: en el Colégio de la Assumpción: por Joseph Santos Balbás.

PALÁCIOS, José Osa y. Diáριο de la Expedición a las Salinas. In. CASTAÑO, Purificación Gato. **Aproximación al mundo Chiriguano, através Del diáριο de la Expedición a las Salinas, 1785-1790.** Sucre: Fundación Cultural Del Banco Central de Bolívia, Archivo y Biblioteca Nacionales de Bolívia, 2007.